



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MOISÉS DA SILVA

A MEMÓRIA HISTÓRICA-CULTURAL DO CINE ÍRIS (1959-1991)

**CAMPINA GRANDE
2021**

MOISÉS DA SILVA

A MEMÓRIA HISTÓRICA-CULTURAL DO CINE ÍRIS (1959-1991)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial á obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof. Dra. Hilmária Xavier
Ribeiro

CAMPINA GRANDE
2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Moises da.
A memória histórica cultural do cine iris (1959 -1991)
[manuscrito] / Moises da Silva. - 2021.
21 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Nova Floresta - Paraíba. 2. Iconografia. 3. Cultura cinematográfica. 4. Memória histórica. I. Título

21. ed. CDD 981.33

MOISÉS DA SILVA

A MEMÓRIA HISTÓRICA-CULTURAL DO CINE ÍRIS (1959-1991)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: Cidade: Memória e Patrimônio.

Aprovado em: 18/10/2021

BANCA EXAMINADORA

Hilmária Xavier Ribeiro

Profa.Dra.Hilmária Xavier Ribeiro
(Orientadora) Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)

Márcia de Albuquerque Alves

Profa. Ma. Márcia de Albuquerque
Alves Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)

José dos Santos Costa Júnior

Prof. Dr. José dos Santos Costa
Júnior Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E CINEMA	6
3	HISTÓRIA DA ABERTURA E USOS DO CINE ÍRIS	8
4	HISTÓRIA DO FECHAMENTO E DESUSO DO CINE ÍRIS	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	20

A MEMÓRIA HISTÓRICA-CULTURAL DO CINE ÍRIS (1959-1991)

Moisés da Silva¹
Hilmária Xavier Ribeiro²

RESUMO

O presente artigo aborda a história do Cine Iris de Nova Floresta, cidade localizada na região do Curimataú da Paraíba, e tem como objetivo analisar a importância da cultura cinematográfica que foi implantada por mais de trinta anos naquela cidade interiorana. A sétima arte em Nova Floresta teve início em 1959 e perdurou até 1991, podem-se perceber na população sentimentos de nostalgia, amor, alegria e gratidão, mas também diferentes significados sobre a época e o cinema como forma de promoção de sociabilidades e usos do passado compartilhado. Fazendo uso da metodologia da história oral, problematizam-se as diferentes memórias sobre o período, tanto do proprietário daquela indústria cinematográfica como também de pessoas que vivenciaram aquela época. Utilizamos fontes orais, com o uso do gravador; as fontes escritas; livros, textos e artigos; como também o uso das fontes iconográficas, que é de grande importância para nossa pesquisa. E nossos referenciais teóricos e conceituais serão Paul Thompson (1992) e Verena Alberti (2005) com as contribuições das fontes orais; Marc Ferro (1997) e Napolitano (2006) trazendo a relação entre cinema e história, Chartier (1990) abordando a História Cultural, entre práticas e representações, e Antônio Clarindo (2002), apontando a importância do cinema como forma de lazer e entretenimento.

Palavras-chave: Cine íris. Curimataú. Nova Floresta. Iconografia.

ABSTRACT

This article discusses the history of Cine Iris from Nova Floresta, a city located in the Curimataú region of Paraíba, and aims to analyze the importance of film culture that was implemented for more than thirty years in that countryside city. The seventh art in Nova Floresta started in 1959 and lasted until 1991, one can see feelings of nostalgia, love, joy and gratitude in the population, but also different meanings about the time and cinema as a way of promoting sociabilities and uses of the shared past. Using the methodology of oral history, the different memories about the period are discussed, both of the owner of that cinematographic industry and also of people who lived at that time. We use oral sources, with the use of a recorder; written sources; books, texts and articles; as well as the use of iconographic sources, which is of great importance for our research. And our theoretical and conceptual references will be Paul Thompson (1992) and Verena Alberti (2005) with contributions from oral sources; Marc Ferro (1997) and Napolitano (2006) bringing the relationship between cinema and history, Chartier (1990) approaching Cultural History, between practices and representations, and Antônio Clarindo (2002), pointing out the importance of cinema as a form of leisure and entertainment

Keywords: Cine iris. Curimataú. New Forest. Iconography.

¹ Graduado em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB- Campus- I).

² Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - Campus – I) Doutora em História pela UFPE.

1 INTRODUÇÃO

O presente Artigo discute a história do surgimento do cine íris de Nova Floresta-PB, cidade com uma população estimada de 10.626 pessoas de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) realizado no ano de 2020. O artigo tem como foco discutir a importância do cinema como meio de comunicação social e agente de desenvolvimento da cultura local, avaliando a influência do cine íris nas mudanças sociais culturais ocorridas no período de sua existência, bem como os diferentes significados atribuídos pelas pessoas que frequentaram aquela sala cinematográfica no início dos anos 50 até início dos anos 90.

Assim, faz-se necessário mencionar os avanços da investigação histórica, sobretudo no início do século XX, após a criação do gravador de fita, praticadas por pesquisadores que identificaram na nova tecnologia uma solução para dar voz às minorias que não deixavam registros de suas experiências e forma de ver o mundo. Com essa abertura as novas fontes expandiram as possibilidades de pesquisas no campo da História. Aqui, a fonte oral, tem um papel fundamental, permite conhecer e analisar narrativas orais, que através da entrevista nos permite interpretar e ter acesso ao passado como um campo propício para o estudo da subjetividade e das representações, visto como capazes de agir sobre a realidade e sobre o entendimento do passado.

Como toda fonte histórica, a entrevista de História oral deve ser vista como um "documento-monumento", conforme definido pelo historiador francês Jacques Le Goff. Durante muito tempo pensou-se em "documento" como resíduo imparcial e objetivo do passado, ao qual muitas vezes se atribuía valor de prova. (ALBERTI, 2005, p.183)

Se concordarmos com Jacques Le Goff que o dever principal do historiador é a crítica do documento qualquer que ele seja como monumento, o pesquisador que trabalha com a técnica de entrevistas a partir da metodologia de história oral como fontes, deve ser capaz de "desmontá-las", analisar as condições de sua produção, para utilizá-las com pleno conhecimento de causa. A questão do cinema como espaço de entretenimento e de encontros da população Florestenses esteve muito presente nas falas dos entrevistados e esse aspecto foi o tema central da pesquisa e será apresentada a luz das leituras de Chartier (1990), Thompson (1992), Ferro (1997), Souza (2002), Alberti (2005) e Napolitano (2006).

O Artigo aborda também as fontes audiovisuais, iconográficas, escritas e documentais que recorreremos quando da pesquisa anterior à realização da entrevista com o proprietário do cinema. O interesse pelo tema surgiu devido o autor deste Artigo, ouvir histórias do Cine Íris, um dos mais famosos da região do Curimataú da Paraíba, e então, sobreveio um interesse em pesquisar a história da sétima arte daquela cidade devida à sua singularidade e sua importância como meio de comunicação local. Buscaremos entender como aquele veículo de informação passa a ser utilizado no contexto de tempo e espaço.

As entrevistas foram realizadas em junho de 2021, através do uso do gravador, com autorização do Sr. Hamilton Marinho proprietário do extinto Cine Íris. Foram extraídos depoimentos do documentário "Cine Íris: um olhar do cinema em Nova Floresta – PB" lançado no ano de 2015, que foi de grande valor para nossa pesquisa.

Nosso trabalho se divide em três partes. No primeiro momento faremos uma discussão teórica sobre a relação entre cinema e história, apontando como o cinema enquanto espaço arte vem sendo estudado pelos historiadores. No segundo momento discutiremos a história da abertura e usos do Cine Íris, como espaço de lazer, encontros amorosos e entretenimento, que foi de grande transcendência para aquela cidade.

Na última parte do artigo, discutiremos o fechamento e o desuso do cine íris de Nova Floresta, que deixou um enorme saudosismo na memória dos Florestenses que frequentaram entre os anos de 1959 a 1991, aquele ambiente cinematográfico, que até os dias atuais relembram a época.

Com esta pesquisa esperamos contribuir com os estudos que vêm sendo desenvolvidos nos domínios da história local, da história das cidades e da história cultural, tendo em vista a considerável importância que o cinema pode exercer sobre a cultura de uma população. A pesquisa teve como intuito rememorar fatos importantes que marcaram a história de Nova Floresta-PB, com a abertura do cine íris. Este Artigo poderá ser de fundamental contribuição para a história local da cidade e para pesquisas vindouras sobre o cinema, como um local de diversão, encontros, entretenimento e lazer, e com os prazeres que aquele espaço cinematográfico, proporcionou aqueles cidadãos, que frequentavam semanalmente aquele ponto de cultura, em pleno século XX. O objetivo desta pesquisa é mostrar alguns impactos sociais e culturais que o Cine Íris, trouxe para aqueles cidadãos da cidade de Nova Floresta.

2 RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E CINEMA

Este tópico traz uma discussão teórica sobre a relação entre cinema e história, apontando como o cinema enquanto espaço e arte vem sendo estudado pelos historiadores. A exemplo do que acontece agora nos primeiros anos do século XXI, o mundo também assemelhava estar enlouquecendo na virada do século XIX. A conhecida Segunda Revolução Industrial, viu a humanidade se desenvolver rapidamente e tecnologicamente em poucas décadas mais do que havia se desenvolvido em toda sua milenar existência até então.

A Segunda Revolução Industrial foi o momento em que também o ferro se viu substituído pelo aço, como também o vapor pela energia elétrica e pelos derivados do petróleo. A maquinaria automática, a agilidade dos transportes, das comunicações deu origem às novas formas de organização social que transformaram o mundo numa velocidade jamais vista. A construção das estradas de ferro contribuiu para ampliar o crescimento industrial, uma vez que diminuiu as distâncias ao tornar as viagens mais curtas e facilitou e ampliou a capacidade de locomoção de mercadorias. Para Sabadin (2019), O desenvolvimento das estradas de ferro foi algo que aproveitou da prosperidade da indústria inglesa, uma vez que os financiadores de sua construção foram exatamente os capitalistas que prosperaram na Segunda Revolução Industrial.

Essa febre de inovações técnicas estimulou populações, cada vez mais desejadas de informação, lazer, entretenimento, estímulos e novidades, entre elas, esse misto de arte, magia, encantamento, diversão, representação e tecnologia que o mundo viria a conhecer com o nome de cinema ou sétima arte. Para Chartier (1990) a História Cultural – campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do mesmo século – é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento.

É esta História Cultural aqui entendida no sentido de uma história da cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida que passou a atrair o interesse de historiadores dos mais diversos matizes teóricos desde o último século, inclusive no seio da historiografia marxista. (CHARTIER, 1990, p.127).

Para Chartier (1990), as noções que se acoplam mais habitualmente à cultura para construir um universo de abrangência da história cultural são as de linguagem ou comunicação, representações e de práticas (práticas culturais, realizadas por serem humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as práticas discursivas, como as práticas não discursivas).

Uma nova história cultural interessar-se-á- pelos sujeitos produtores e receptores de cultura, o que abarca tanto a função social dos intelectuais de todos os tipos, até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada indústria cultural (esta que, aliás, também pode ser relacionada como uma agência produtora e difusora de cultura). (CHARTIER, 1990, p.129).

A partir dos anos 1970, a sétima arte é elevada à categoria de “novo objeto” e definitivamente incorporada ao fazer histórico, dentro dos domínios da chamada história nova. Um dos grandes responsáveis por essa incorporação foi o historiador francês Marc Ferro. Para Ferro, o cinema é um testemunho singular do seu tempo, pois está fora do controle de qualquer competência de produção, principalmente o Estado. Ao mesmo tempo, o filme age como um contra poder por ser autônomo em relação aos diversos poderes da sociedade. Para Ferro (1997), os dirigentes de uma determinada sociedade ao perceberem a influência do cinema, buscaram submetê-lo a seu serviço. Porém o Estado não foi o único a perceber a influência dos cinemas sob as massas, vários cineastas independentes, ao perceberem este fato, viram nos filmes o que Ferro chamou de contra poder, que se refere, quando se começa a produzir filmes que vão contra a ideologia predominante do estado. Estes cineastas, conscientemente ou não, estão cada um a serviço de uma causa, de uma ideologia, explicitamente ou sem colocar abertamente a questão. Para Napolitano (2006), o cinema permite o conhecimento de regiões nunca exploradas, e descobrir a porta que nos leva a esses novos caminhos, significa salientar os lapsos deixados pelo historiador e pelo seu produto. A ideia proposta pelo historiador de que o cinema não é uma expressão direta dos projetos ideológicos que lhe dão suporte deve ser ressaltada: um filme apresenta, de fato, tensões próprias.

O cinema, para além do aspecto de fábrica de produtos formados de imagem e, posteriormente, de som, era também uma prática cultural que conseguia num único e dinâmico processo, unir dança, música e teatro, ginástica, ópera arquitetura, pintura e escultura num todo harmônico que criava a ilusão de que aquele mundo existia de verdade e que podia ser copiado em qualquer parte do planeta. (SOUZA, 2002 p. 254)

Para Napolitano (2006), a discussão sobre a maneira pela qual o cinema entra no universo do historiador está presente nas maiorias dos textos de Marc Ferro. Além de indicar a originalidade de sua pesquisa (na verdade, considera-se o primeiro historiador a sistematizar tais problemas), tal exame traz no seu bojo dois aspectos: o estatuto cultural adquirido pelo cinema no século XX e o papel das fontes no trabalho histórico. Segundo o autor, em relação a esse último aspecto, o autor afirma que o cinema sempre foi desprezado pelos historiadores e pela sociedade.

A aceitação do cinema como fonte histórica indica uma mudança de estatuto do historiador na sociedade, assim como mostra a nova utilidade que certas fontes

passam a ter em função de sua nova missão. Segundo a natureza de sua missão, segundo a época, o historiador escolheu tal conjunto de fontes, adotou tal método, mudou como um combate muda de arma e de tática quando as que usavam até aquele momento perderam sua eficácia (NAPOLITANO, 2006, p.47).

O autor entende que todo filme, sem privilegiar nenhum gênero, deve ser analisado pelo o historiador. Para Marc Ferro, a oposição entre ficção e documentário, baseada na sua relação com o real, deve ser matizada, pois ambos informam uma realidade social de natureza diversa. Em seu primeiro texto sobre a relação cinema e história, Marc Ferro afirma que os documentos cinematográficos fornecem dois tipos de contribuição: os fundos de arquivos cinematográficos trazem para o historiador informações complementares, trazem também um material que refaz a ideia que se fazia de uma época ou acontecimento (NAPOLITANO, 2006).

O cinema de ficção tem sido uma das principais linguagens de representação do passado. Através dos chamados filmes históricos episódios e personagens reais da história são encenados em roteiros ficcionais, muitas vezes verossímeis ao pretender ser a reconstituição mais fiel possível do passado. (NAPOLITANO, 2006, p 64).

Jacques Le Goff lembra que os materiais de memória coletiva apresentam-se sob duas formas principais: os documentos, escolhas do historiador, e os monumentos, herança do passado consagrado socialmente. O cinema é um dos campos mais propícios para essa operação de memória, pois um dos seus aspectos mais importantes é o caráter espetacular do filme, uma das variáveis que explica a imensa popularidade do cinema no século XX. (NAPOLITANO, 2006, p.66).

Nos primeiros tempos do auge da sétima arte, ir ao cinema, pelo menos uma vez durante a semana, vestido com os melhores trajes, tornou-se essencial para garantir a índole moderna e manter a aprovação social. Para Souza (2002), nunca um único sistema cultural teve efeito tão profundo na mudança de conduta e dos padrões de gosto e consumo de populações de todo o mundo. Os espectadores que iam assistir a seus filmes favoritos começavam a se comportar e se vestir com *glamour*, igualmente aos astros dos filmes que faziam sucesso no mundo da sétima arte. A publicidade era o modo de expandir as sensações sentidas na sala de projeções. Revistas, documentários, livros e folhetins sobre a vida dos astros e estrelas do cinema circulavam por todo mundo. Para Souza (2002), As revistas de cinema dos anos 40 e 50 estavam voltadas, para o comportamento pessoal e moral do astro, isto parecia ecoar sobre o comportamento pessoal dos espectadores.

A vida dos astros e estrelas dos filmes influenciava a vida dos espectadores que frequentavam as salas de projeção. As pessoas se interessavam em saber, como eram seus lares, estilos de roupas, produtos de beleza, e principalmente, a vida amorosa de seus astros favoritos. Portanto, nesse complexo de convencimento, as pessoas não estavam apenas sendo iludidas, mas convocados a fazer parte de um mundo de beleza e encantamento.

3 HISTÓRIA DA ABERTURA E USOS DO CINE ÍRIS

De acordo com Sabadin (2019), o ano de 1895 é considerado, pela maioria dos pesquisadores, o marco zero da história do cinema, visto que a data marca não apenas o histórico evento dos irmãos Lumière, como também outras projeções pioneiras. Em meio a várias iniciativas e personagens que se perderam pelos caminhos da história, os nomes aceitos praticamente por unanimidade como os inventores do cinema ou sétima arte são os dois

irmãos franceses Auguste Lumière e Louis Lumière. Auguste e Louis conheceram o sistema Kinetoscope de Edison em 1884, numa exibição em Paris, e logo nele se debruçaram no sentido de aperfeiçoá-lo.

A sétima arte se espalhou com muita rapidez por todo o planeta, registrando-se projeções pioneiras em locais distantes da Europa, como África do Sul, Egito, Brasil, Argentina, e México. Menos de um ano depois dos irmãos Lumière fazerem uma exibição em Paris, aconteceu a primeira exibição de cinema no Brasil, que ocorreu no Rio de Janeiro.

No ano seguinte a primeira sala de cinema é inaugurada pelo imigrante italiano Paschoal Segreto, também no Rio de Janeiro. As primeiras filmagens em terra carioca aconteceram por conta de Afonso Segreto que filmou em 1898 na Baía de Guanabara e no ano seguinte em São Paulo, durante a celebração de unificação da Itália. No início do século XX a sétima arte passa a fazer parte do cotidiano das principais capitais brasileiras, onde acaba chegando ao interior do Nordeste.

O advento do cine íris em Nova Floresta- PB aconteceu na mesma década em que se implantou o sistema televisivo no Brasil, no início dos anos 50. Entretanto, naquela época a televisão permaneceu como benefício da região Sudeste do país e das classes com maior poder aquisitivo devido aos altos custos dos aparelhos televisivos. Antes do cine íris, o sucesso em Nova Floresta foi a Muirapiranga, primeiro som na região instalado por Menésio Dantas, foi uma coisa extraordinária para a época. Benedito Marinho, pai de Hamilton Marinho, era o proprietário de um armazém, onde funcionou por muitos anos uma casa de farinha da família, que foi desativada devido ao declínio da cultura da mandioca e o advento da cultura do sisal, considerado por muitos o ouro verde da Paraíba.

Benedito Marinho foi um dos pioneiros no plantio do sisal. Por volta de 1952, providenciou as primeiras plantações, feitas através dos bulbilhos cedidos por Zacarias Marcolino. Em seguida, fazia a horta e transportava para os campos, abrindo as perspectivas de uma cultura que, entre altos e baixos, perdurou até os fins dos anos 80, marcando profundamente a economia, a sociedade e a cultura de Nova Floresta. Todo espaço da antiga casa de farinha, que foi sucesso de produção nos anos 40 e 50, em Nova Floresta e região, foi reformado com ajuda da família do Sr. Hamilton Marinho e transformado no prédio do cinema, que por muitos anos foi sucesso na cidade.

Nas palavras do Sr. Hamilton Marinho:

Quando instalei o cinema, ficou aquela história de colocar um nome, houve sugestão de colocar o nome guarani e outros nomes, mas depois a gente ficou olhando o problema do cartaz, e um nome muito comprido, ficava extenso demais para chamar atenção do público, e foi meu irmão e nino belo, irmão de Manoel belo (meu sócio), achou que esse nome Iris seria ideal, e deu vida ao cinema.³

³ MARINHO, Hamilton. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 09 de Junho de 2021.

Figura 1: Fotografia Autofalante do cine íris. Do lado esquerdo os filhos de Hamilton, Leopoldina e Railton, sentados no carro, e no lado direito, seu filho Ramilton e sua esposa Elcy. Fotografia coletada da rede social de Hamilton Marinho.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=252845451519515&set=a.102799503190778>

Acesso em: 23 de Setembro de 2021.

A invenção do cine íris surgiu pelo Sr. Hamilton Marinho, juntamente com seu amigo que se chamava Manoel Belo, que também residia na mesma cidade. Na época o cinema só existia nas cidades de Picuí e Cuité, e as pessoas que residiam em Nova Floresta teriam que se deslocar para essas cidades, mesmo que próximas, naquela época a locomoção era difícil, já que não tinha tanta disponibilidade de transportes para se locomover de uma cidade para outra. Na maioria das vezes, o transporte era de animais de cargas, como burros e cavalos; e com o advento da modernidade, surgiram as primeiras bicicletas (monaretas), e só quem utilizava desse transporte era quem detinha poder aquisitivo maior para compra. Nas palavras do Sr. Hamilton Marinho:

A criação do Cine íris foi uma coisa sem programa, essa foi aleatoriamente; Surgiu quando eu fui nomeado agente fiscal e estava na frente da minha casa. Manoel Belo que gostava muito de cinema, e na época não tinha dinheiro e sabendo que eu gostava também de cinema, ia passando e me chamou para comprar uma máquina de 16 milímetros para a gente instalar um cinema em Nova Floresta; Eu aceitei e entramos como sócios e compramos uma máquina em Campina Grande, trabalhamos juntos por um bom tempo; não fomos pioneiros, porque antes vinha um cinema de Picuí e exibia filmes em Nova Floresta, e tinha também o cinema de Cuité, de Jovino Pereira, que veio depois pedir minha ajuda e a gente se juntou, movimentando o cinema das duas cidades⁴.

O Cine Íris ou popularmente conhecido como: O cinema de Sr. Hamilton Marinho, funcionava normalmente aos sábados, domingos e, aos feriados. No início as pessoas que iam

⁴ MARINHO, Hamilton. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 09 de Junho de 2021.

assistir às sessões no cine Íris levavam de suas residências os bancos e tamboretos e tinha até aquelas que sentavam no chão para vislumbrar as imagens trazidas do cinema. O Sr. Hamilton Marinho trabalhava em Barra de Santa Rosa, como agente fiscal estadual e foi designado para trabalhar em Cuité, todo mês fazia a prestação de contas em João Pessoa, e de lá ia para Recife, resolver problemas do cinema com as distribuidoras de filmes, com isso passou a conciliar o seu trabalho com o cinema.

O Cine Íris ou popularmente conhecido como “O cinema de Sr. Hamilton Marinho”, funcionava normalmente aos sábados, domingos e, aos feriados. No início as pessoas que iam assistir às sessões no cine Íris levavam de suas residências os bancos e tamboretos e tinha até aquelas que sentavam no chão para vislumbrar as imagens trazidas do cinema. O Sr. Hamilton Marinho trabalhava em Barra de Santa Rosa, como agente fiscal estadual e foi designado para trabalhar em Cuité, todo mês fazia a prestação de contas em João Pessoa, e de lá ia para Recife, resolver problemas do cinema com as distribuidoras de filmes, com isso passou a conciliar o seu trabalho com o cinema.

A parceria com o Sr. Manoel Belo chegou ao fim depois que Sr. Hamilton insistiu em comprar a parte do seu sócio Sr. Manoel Belo, que depois de algumas conversas acabou aceitando a proposta, e daí em diante o Cine Íris passou a pertencer definitivamente ao Sr. Hamilton Marinho. Logo de início, Hamilton reconstruiu o espaço do prédio, comprou novos bancos e a freguesia do cine Íris aumentou ainda mais. Dessa forma, o Cine Íris se tornou por muitos anos meio de comunicação audiovisual da cidade de Nova Floresta, tornando-se o principal ponto de encontro, lazer e sociabilidade da população local. Frequentava aquele espaço cinematográfico a população em geral daquela cidade e região, sem distinção de classe social.

Partimos do pressuposto que o direito de divertir-se é tão importante quanto ao direito ao trabalho, á alimentação ou á habitação, pois entendemos que os homens não são apenas objetos de trabalho ou produção e reprodução da força de trabalho, mas que o ato de divertir-se, sem maiores constrangimentos, seja de ordem financeira ou moral, também faz parte da busca pela felicidade humana. (SOUZA, 2002, p.02).

Aquela sala cinematográfica trazia diferentes culturas do mundo em forma de imagens para os frequentadores do cine Íris. Dentro daquela antiga casa de farinha, se conhecia outros lugares, e que até poderia despertar interesse em pesquisar sobre. Segundo o relato de Kydelmir Dantas:

Você conhecer outros países através do cinema, como a “princesa e o plebeu” aí você visita Roma, então a gente começava a ter envolvimento de querer conhecer principalmente quem gostava de ler e estudar mais um pouco, algo sobre a Itália. Os girassóis da Rússia aí você vai ver o que era Rússia. A Rússia era um país comunista, do grande bloco antiamericano, que a gente também tinha que procurar saber o que era a Rússia e o porquê dessa guerra fria entre Estados Unidos e Rússia, entre o leste e o oeste, então é outro clássico que nos leva a pensar. Aí você passa um filme já no início do cinema japonês, aí vem os sete samurais aí vai para onde? Vai à procura de conhecer o Japão. Então isso daí levava a gente ao mundo exterior e nos levava a conhecer ⁵.

⁵ DANTAS, Kydelmir. Engenheiro agrônomo. Foi um expectador assíduo do cine Íris, morador de Nova Floresta parte de sua infância e juventude, mesmo estudando na cidade de Currais Novos-RN visitava sua terra natal em alguns finais de semana e nas férias. Depoimento extraído do documentário “Cine Íris: Um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

Percebemos com este relato a influência que uma obra audiovisual tem no contexto social dos espectadores que consomem este tipo de entretenimento, que idealiza a conhecer um estilo de região e cultura.

O anúncio das sessões era realizado as 19h00min nas difusoras do cine íris, e começavam às 20h00min. Quando o som da difusora tocava a música “O Milionário”, da Banda de Rock Paulista “Os Incríveis”, a população de Nova Floresta seguia apressada e ansiosa para o Cine Íris, pois era o sinal que faltavam cinco minutos para o Sr. Hamilton dar início á sessão.

Os filmes de maiores audiências eram filmes nacionais, os de época, as comédias com os Trapalhões (Didi, Dedé, Mussum e Zacarias), os três patetas, o famoso Mazarropi, Grande Otelo e Charles Chaplin. O faroeste americano era sucesso, quando terminava a exibição do filme, as pessoas saíam admiradas comentando os acontecimentos do filme e às vezes repetindo os movimentos das cenas. Os filmes Dio Come Ti Amo, Django, Coração de Luto com Teixeira (1967), Paixão de um homem e entre outros também foram sucessos no cine íris. A paixão de cristo era a sessão de maior audiência no mês da semana santa, normalmente com duas sessões por noite e gerava uma grande comoção na população. Os ingressos para entrar no cine íris eram adquiridos na bilheteria com a irmã do proprietário.

Segundo relato de Kydelmir Dantas: “Lembro que em 1969/70 pagávamos 10 centavos de um cruzeiro para entrar no cinema⁶.”

Figura 2: Fotografia do Cartaz do Filme 007, contra o satânico Dr. No. É um filme americano- britânico de 1962 dos gêneros espionagem e ação, realizado por Terence Young, com roteiro de Richard Maibaum.



Fonte: Fotografia retirada da rede social Hamilton Marinho da Costa. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=604979682972755&set=a.102799503190778&typ e=3&theater> Acesso em 09 de junho de 2021.

⁶ DANTAS, Kyldemir. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 12 de Agosto de 2021.

Trabalhava no cine Íris, o Sr. Hamilton Marinho que era o proprietário e o responsável por passar os filmes, sua esposa Elcy que tinha uma venda de pipocas e balas para as pessoas que ali frequentavam, sua irmã Hiranilda Marinho era quem controlava a bilheteria e a entrada, em companhia com um rapaz que ficava na porta principal. Frequentavam aquela sala cinematográfica, homens, mulheres, jovens e crianças, sem distinção de raça, classe social e religião.

Nas palavras do Sr. Hamilton Marinho: “Dava muito fiado, entrava muitos que tinham vencimentos e só recebia no fim do mês, sempre tinha aquele jogo, outros ficavam pagando em pedaços, só sei que a minha caderneta era cheia⁷.”

Os filmes de libidinagem eram proibidos para o público menor de 18 anos, o proprietário, juntamente com o pessoal da entrada principal, que dava acesso à sala de exibição, sempre tinha o controle e o cuidado rigoroso, cobrando a apresentação do documento de maioridade para não deixar os menores entrarem nas sessões que exibiam filmes de sexo, por isso nunca tinha intercorrência por parte dos puritanos da cidade. Mas mesmo assim tinham aqueles jovens curiosos, que acabavam dando o jeito de ir para as janelas laterais do lado de fora do cinema, e ficavam olhando pelas frestas aqueles filmes impróprios.

Nas palavras de Hiranilda Marinho:

Apareceu uma grávida de 14 anos, e ele Hamilton colocava a censura nos filmes; eo filme daquela noite era censura 18 anos; ela chegou e o rapaz que estava na entrada, disse você não pode assistir, porque você só tem 14 anos, e o filme é censura 18 anos, mas como meu pai, estava longo atrás, disse, permita que ela entre, ela pode... risos. o filme era mostrando os cabarés da França⁸.

Figura 3: Fotografia em frente ao Cine Íris, cartaz do filme *O Marido Virgem*, impróprio para menores de 18anos, o outro cartaz de um filme de faroeste - anos 70.



Fonte: Fotografia retirada da rede social de Hamilton Marinho da Costa.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=329205490550177&set=a.102799503190778>

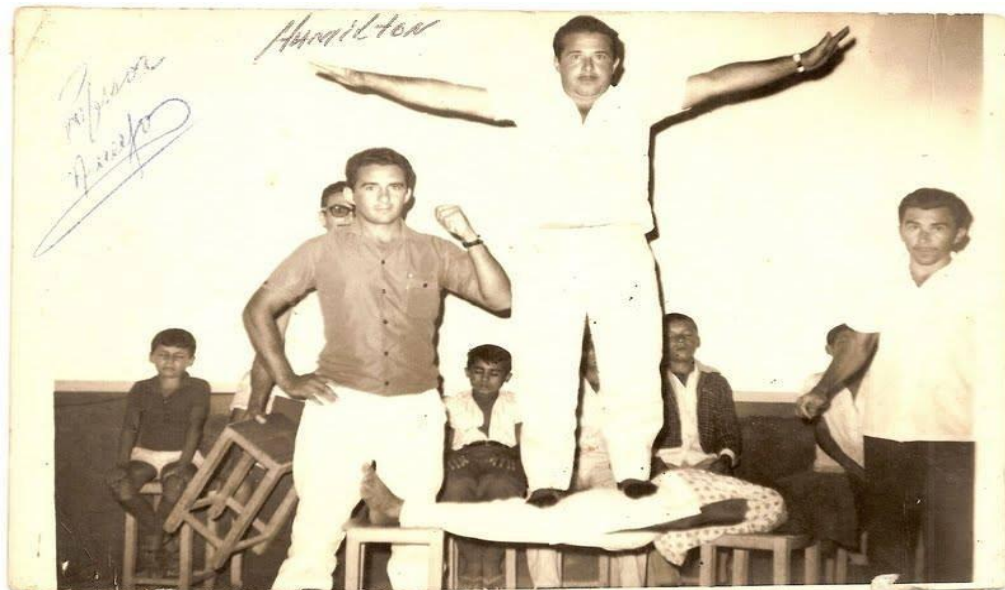
⁷ MARINHO, Hamilton . Entrevista concedida ao autor. Cuité, 09 de Junho de 2021.

⁸ MARINHO, Hiranilda. Irmã do Proprietário do cine Íris. Depoimento extraído do documentário “Cine Íris: Um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

O Cine Íris também teve espaço para artistas de renome nacional que estavam fazendo sucesso na época, em algumas apresentações o proprietário contava com o apoio financeiro da prefeitura municipal de Nova Floresta, para conseguir trazer esses artistas para se apresentarem no cine Íris. Subiram o palco do cinema, a cantora Marinês e sua gente, Abdias dos oitos baixos, Fernando Lellis, o Grupo de forró os três do nordeste, o cantor Genival Lacerda, Alcides Gerardi, e Marcus Pitter. Artistas do rádio foram vistos pela primeira vez na tela do cine Íris, como o rei do baião Luiz Gonzaga, O Paraibano de Alagoa Grande Jackson do Pandeiro, Agnaldo Rayol, Ângela Maria, Bob Nelson, Elza Soares, Emilinha Borba, Nelson Gonçalves e entre outros, que os Florestenses viram pela primeira vez na tela do cinema do cine Íris.

O Cine Íris também deu espaço a apresentações de grupos teatrais formados por estudantes de Cuité e Nova Floresta, teve também apresentações demágicos famosos, show de hipnose, palhaços e exibicionistas que encantavam o público que sempre lotava aquele espaço cinematográfico em Nova Floresta. Mesmo com essas variedades de apresentações no palco do cine Íris, o forte mesmo para os Florestenses eram as exibições de filmes, o público se fazia presente de verdade, era casa cheia, principalmente quando começou o auge dos lançamentos dos filmes nacionais.

Figura 4: Show de hipnose em meados dos anos 70. Na fotografia se encontra no lado esquerdo Zé de Ivan, Arlindo Rodrigues em pé em cima do rapaz que estava sendo hipnotizado e do lado direito se encontra o Sr. Hamilton Marinho, ao fundo da fotografia temos parte do público que assistia ao show de hipnose.



Fonte: Fotografia retirada da rede social de Hamilton Marinho da Costa. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=604979682972755&set=a.102799503190778&type=3&theater>
Acesso em 09 de junho de 2021.

Em meados dos anos 70 o proprietário do Cine Íris comprou em Natal-RN um projetor usado, mas de maior alcance. A mudança do projetor de 16 m/m para 35 m/m foi radical, no maquinário e no manuseio com os filmes. Zé de Benedito, amigo do Sr. Hamilton Marinho, fez a montagem com a ajuda de um técnico que veio da cidade de Campina Grande; logo de início foi difícil o proprietário se adequar com o manuseio dos filmes e com o novo projetor de 35 m/m. Zé de Benedito ajudou muito o Sr. Hamilton no concerto da máquina de projeção no cine Íris. Com um tempo, veio a queda do sisal, Zé de Benedito foi para Bahia, muito inteligente, fez várias transformações em máquinas de sisal naquele estado. Chegou a ganhar

uma placa do governo da Bahia agradecendo-o pelo seu trabalho no aperfeiçoamento das máquinas de sisal, evitando assim a amputação de mãos, fato muito frequente na Bahia.

Segundo as palavras do Sr. Hamilton Marinho:

Deu um pouco de trabalho pra se adequar, porque a engrenagem mudou completamente, lá em Nova Floresta tinha Benedito de Birica e o filho, eram pessoas que entendiam muito de energia, de motor, essas coisas, eu tive a felicidade de eles se adaptarem o negócio e Graças a Deus, sempre eu digo, cinema de 35m/m funcionou muito bem; quando eu ligava eles vinham correndo, deixavam até seus afazeres⁹

Podemos notar no relato do Sr. Hamilton Marinho que o Cine Íris só funcionava direito, graças ao talento do seu amigo Zé de Benedito, e suas alterações para o melhor funcionamento.

Figura 5: Hamilton ao meio e na direita, o Sr. José Faustino Santos (Zé de Benedito), e quem sempre ajudava a concertar a máquina de projeção do cine Íris.



Fonte: Fotografia do arquivo pessoal do Sr. Hamilton Marinho. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=604979682972755&set=a.102799503190778&type=3&theater>
 Acesso em 09 de junho de 2021.

Nas palavras de Sr. Hamilton: “Falar de Benedito e Zé, não há palavras, pois foi que me deram cobertura até o fim do Cine Íris.¹⁰”

⁹ MARINHO, Hamilton,. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 09 de Junho de 2021.

¹⁰ MARINHO, Hamilton. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 09 de Junho de 2021

Figura 6: A máquina de projeção de filmes (35/ milímetros) do ano de 1960, utilizada no cine íris, nas décadas de 1970/80 e a difusora que propagava as chamadas das sessões do cinema.



Fonte: Hoje a máquina de projeção se encontra em exposição no Museu do homem do Curimataú- UFCG Campus Cuité-PB.

Na figura 7: Fotografia da frente do prédio do cine íris de Nova Floresta.



Fonte: Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=604979682972755&set=a.102799503190778&type=3&theater>
Acesso em 09 de junho de 2021.

O cine íris ficava localizado na Rua Benedito Marinho no centro de Nova Floresta, próximo ao prédio dos correios, atualmente, no local onde existia o cinema está localizado na loja Marconi eletro móveis. Apesar de aquele local ser um espaço que atraía muitas pessoas, ao redor do cinema, não havia muitos comércio para impulsionar a economia local. Como afirma o Sr. Hamilton Marinho nas suas palavras:

Não sei se o cinema ajudou na economia da cidade, mas a mim Graças a Deus me ajudou demais, devo muito que tenho ao cinema, o cinema chegou um ponto que fiz muito amizade com pessoas do Recife, Campina Grande, e essas pessoas despertava o desejo de conhecer minha cidade.¹¹.

4 HISTÓRIA DO FECHAMENTO E DESUSO DO CINE ÍRIS

O cine íris foi benéfico para o desenvolvimento da cidade, que durante mais de trinta anos, usou aquele ponto de cultura para se conhecer, se divertir, chorar, paquerar e vislumbrar as imagens que a sétima arte lhes proporciona. Há memórias de pessoas que tiveram os seus primeiros encontros amorosos e seus primeiros flertes e beijos dentro do cine íris. Segundo as palavras de Kydelmir Dantas: Meu primeiro beijo foi no Cine íris¹². Podemos perceber esses encontros amorosos, vivências e experiências.

Segundo o Senhor Hamilton Marinho, havia uns bancos que eram os mais utilizados pelos apaixonados casais de namorados, eram aqueles que ficavam na parte de trás do cinema, ainda conta casos em que o filme acabava e mesmo assim alguns casais continuavam a namorar, sendo logo intimidados que terminara a exibição. Segundo as palavras de José Pereira e Basto da barraca: “Eu não trocava o cinema por nada, eu tive muitas namoradas, mas acabei casando com uma que era mais apaixonada por cinema do que eu, a gente não perdia um filme.”¹³ “Eu não perdia um dia, já tinha dois tamboretos, um meu e outro da minha amada.”¹⁴

Há relatos de frequentadores, que a sessão só iniciava quando Basto da Barraca e esposa, José Pereira e sua namorada Maria, Bezinho, Dona Lourdes de Elói Claudino e entre outros, pois eram fregueses assíduos do cine íris e seus bancos eram os reservados. Segundo as palavras do Sr. Hamilton Marinho:

Eu deixava reservado porque Zé Pereira era o técnico de Eletrônica e sempre eu precisava dele, então sempre tinha reservado o canto dele e da sua namorada; e Basto era um sacana e muito conhecido em Nova Floresta e tinha um tamborete grande, que eu já deixava no canto para se sentar com sua amada; os dois juntamente com suas namoradas não perdiam uma sessão no cinema.¹⁵

¹¹ MARINHO, Hamilton. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 09 de Junho de 2021.

¹² DANTAS, Kydelmir. Depoimento extraído do documentário “Cine Íris: um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

¹³ PEREIRA, José. Técnico de Eletrônica. Depoimento extraído do documentário: “Cine Íris: um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

¹⁴ FRANCISCO, Sebastião. Popular Basto da Barraca. Freqüentador assíduo do cine íris. Agricultor. Depoimento extraído do documentário “cine íris: um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

¹⁵ MARINHO, Hamilton. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 09 de Junho de 2021.

Figura 8: Fotografia do proprietário do cine íris Sr. Hamilton Marinho, e o Sr. Sebastião Ferreira, o popular basto da barraca, uns dos frequentadores assíduos do cine íris de Nova Floresta. Basto da Barraca e sua namorada não perdia uma sessão.



Fonte: Fotografia coletada da rede social de Hamilton Marinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/moises.silva.20145/posts/2706008816183442> Acesso em 09 de junho de 2021.

Atualmente essas pessoas continuam em Nova Floresta e segundo elas o cine íris marcou a vida dos Florestenses e relembram com muito saudosismo o cine íris.

Nas palavras de Hiranilda Marinho: “Se eu pudesse não ia ser fechado nunca, tinha ficado ali para sempre, porque todos os Florestenses não se esquecem do cine íris de jeito nenhum. Marcou, foi uma coisa que marcou.”¹⁶,”

Nas palavras emocionadas de Kydelmir Dantas: “A respeito de mundo, a respeito de vivências outrase a respeito de ter conhecido pessoas boas. De ter encontrado pessoas fora e falado sobre filmes, de ter procurado assistir outros filmes e procurar a me envolver de cinema de arte. Veio tudo graças ao cine íris.”¹⁷”

Nas palavras do Sr. Hamilton Marinho:

Foi uma coisa que me deixou muitas recordações, muitas coisas boas. Teve suas fases que todo mundo tem, ninguém pode andar só na estrada de asfalto, mas foi uma maravilha. Graças a Deus, eu agradeço muito ao que tenho ao cinema. Sempre vou recordar e ter recordações do cinema.”¹⁸

É importante ressaltar que o Sr. Hamilton Marinho era cinéfilo e gostava de assistir filmes, assim ele passou a assistir os filmes de forma gratuita e ganhando dinheiro com o que ele se identificava e gostava. Hoje o mesmo é grato por tudo que o cine íris lhe proporcionou a sonhar e viver como salientou em suas palavras acima.

¹⁶ MARINHO, Hiranilda. Depoimento extraído do documentário “cine íris: um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

¹⁷ DANTAS, Kydelmir. Depoimento extraído do documentário “cine íris: um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

¹⁸ MARINHO, Hamilton. Depoimento extraído do documentário “cine íris: um olhar de cinema em Nova Floresta”, 2015.

Com o advento das novas tecnologias como a televisão, o videocassete, o surgimento das locadoras e mais recentemente os DVDs, o acesso aos filmes ficou mais viável. As maiorias dos cinemas interioranos foram gradativamente fechando as portas, o cine íris se viu obrigado a fazê-lo no ano de 1991, ficando as recordações e as saudades das noites dos fins de semana em Nova Floresta.

A população de Nova Floresta reagiu com tristeza e saudosismo ao fechamento das portas do cine íris. Nas palavras do Sr. Hamilton Marinho: “Era a fase, que houve a decadência do cinema, a televisão se expandiu tomou conta e a dificuldade dos filmes; isso foi chegando a um ponto em que não davam mais, as dispensas foram aumentando, infelizmente tiver que fechar mesmo.¹⁹”

Como o objetivo desta pesquisa é retratar o cinema em uma determinada cidade, foi preciso analisar o cine íris de forma particular. “O cinema encantou qualquer pessoa que o tenha visto, em qualquer lugar do mundo. Desde a sua primeira apresentação no ano de 1895, em Paris, ele assustou algumas pessoas presentes, na mesma medida em que fascinou outras”(SOUZA, 2002, p.251).

Portanto, frisamos na abordagem da história do cine íris sob os distintos pontos de vista que se entrecruzam para dar razão a sua história, através de memórias do passado compartilhado. A história oral nos proporcionou essa pesquisa através da análise das diferentes memórias do passado do cine.

A respeito da história Oral, Paul Thompson disse:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Dessa forma, o valor da história oral para a construção de uma memória coletiva é de relevante importância. Apresenta-nos a possibilidade de resgatar e registrar a história de um determinado lugar, em um determinado tempo, para o conhecimento da sociedade e das futuras gerações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra e o fazer cinematográfico constituem importantes condutas sociais, por se afirmarem como criadores de artistas excepcionais e meios capazes de difundir ideias e valores para as mais diversas sociedades e culturas. O cinema conta com uma capacidade particular de retratar o real, mesmo que por meio de visões ficcionais e individuais de autores. Um filme de cerca de duas horas consegue apreçoarmomentos históricos, difundindo o conhecimento a quem o assiste. Com isso, ele ajuda a formar o entendimento e a consciência crítica a respeito da realidade, além de disseminar conhecimento sobre outros povos e culturas

¹⁹ MARINHO, Hamilton. Entrevista concedida ao autor. Cuité 09 de Junho de 2021.

para pessoas que não necessariamente viveram em outras épocas ou já percorreram outros lugares.

O cine íris nos proporcionou o estudo de uma sociedade em que os principais meios de comunicação e diversão eram a sétima arte. Foi através do cine íris que aquela cidade do interior da Paraíba passou a conhecer o mundo. O cinema trouxe outra autenticidade para aquela sociedade, outros hábitos, outras culturas, outras histórias que antes eram só ouvidas, mas nunca mostrada na realidade. O cinema de Nova Floresta marcou eminentemente a vida das pessoas que o frequentaram por mais de trinta anos, foi o centro cultural da época, levando shows de música, hipnose, teatro, artistas de diferentes segmentos e filmes que espelham e refletem culturas, no mundo banhado pelo capitalismo que se globalizou e extinguiu ou interagiu culturas, valores e éticas locais que até hoje ficaram marcadas nas memórias da população.

Hoje quando os florestenses querem matar a saudade do cine íris, que tanto marcou a história de várias gerações, as pessoas que detêm um poder aquisitivo maior se deslocam para a cidade de Campina Grande, onde assistem a exibições dos filmes nos cinemas da cidade, já a maioria recorda o cine íris e as exibições comprando seus filmes favoritos, acessando na internet e assistindo no conforto de suas casas.

Além disso, podemos dizer que o cine íris de Nova Floresta-PB proporcionou encontros sociais de diferentes pessoas que ali passaram, deixando em cada um o sentimento particular sobre a sua memória.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais. História dentro da História**. In: P INSKY, Carla. Bassanezi, (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

COSTA, Antônio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Editora Globo, 2003

CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé (orgs.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**, Lisboa: Difel, 1990.

Documentário “**Cine Íris: um olhar de cinema em Nova Floresta**”. 2015. UFRN. 1 vídeo (26:16 seg). Publicado pelo canal de Cecília Marinho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Rq79KI9Hjk> Acesso em: 25 Jun. 2021

ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA-ANPUH-PB,17.; ENCONTRO ESTADUAL DO PIBID EM HISTÓRIA,1, 2016, Guarabira. **Anais [...]**.Guarabira: Centro de Humanidades, campus III da Universidade Estadual da Paraíba, 2016, 10 p. Tema: A vida fora da tela: práticas sociais e culturais decorrentes do contato com o Cine Íris na cidade de Nova Floresta-Paraíba (1959-1989). Inclui bibliografia. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviiieeh/xviiieeh/paper/viewFile/3380/2677> Acesso em: 20 Jun. 2021

FERRO, Marc. **História e Cinema**. Tradução Flávia Nascimento.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

MARINHO, Hamilton. **Memórias e Retalhos** 1. Ed. Cuité, 2015.

MARTÍN, Barbeiro, J. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. IN: MORAES, D. (Org.). Por outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos: Prazeres Proibidos: Sociedade, cultura e lazer na Campina Grande dos anos 1945-1965**. Recife, Tese de Doutorado em História- PPGH/UFPE, 2001.

SABADIN, Celson. **A história do cinema para quem tem pressa**/Celson Sabadin. 1. Ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. A voz do passado, 1992.